

ERIC HOBSBAWM

Viva la revolución

A era das utopias na América Latina

Organização

Leslie Bethell

Tradução

Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Bruce Hunter e Christopher Wrigley

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Viva la Revolución: On Latin America

Capa

Thiago Lacaz

Preparação

Andréa Bruno

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hobsbawm, Eric, 1917-2012

Viva la revolución : a era das utopias na América Latina / Eric Hobsbawm ; tradução Pedro Maia Soares. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Viva la Revolución : On Latin America

ISBN 978-85-359-2983-6

1. Ensaios 2. América Latina — História — Século 20 3. América Latina — Política e governo — Século 20 1. Título.

17-06596

CDD-320.980904

Índices para catálogo sistemático:

1. América Latina : História política : Século 20 320.980904
1. Século 20 : América Latina : História política 320.980904

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Sobre esta edição.	7
Introdução: Eric e a América Latina.	9

PARTE I: PRIMEIRAS IMPRESSÕES

1. Perspectivas cubanas.	39
2. Viagem sul-americana.	45
3. Bossa nova.	52
4. América Latina: a área mais crítica do mundo.	56
5. Desenvolvimentos sociais na América Latina.	65
6. A situação revolucionária na Colômbia.	74
7. A anatomia da violência na Colômbia.	91

PARTE II: ESTRUTURAS AGRÁRIAS

8. Elementos feudais no desenvolvimento da América Latina.	105
9. Um caso de neofeudalismo: La Convención, Peru.	129

PARTE III: CAMPONESES

10. Camponeses como bandidos sociais.	155
11. Insurreições camponesas.	170

12. Ideologia e movimentos camponeses.	180
13. Ocupações de terra pelos camponeses: o caso do Peru.	189
14. Um movimento camponês no Peru.	209
15. Movimentos camponeses na Colômbia.	226
16. Camponeses e política.	255
17. Camponeses e migrantes rurais na política.	266
 PARTE IV: REVOLUÇÕES E REVOLUCIONÁRIOS	
18. A Revolução Mexicana.	291
19. A Revolução Cubana e suas consequências.	297
20. Um homem rigoroso: Che Guevara.	303
21. Guerrilhas na América Latina.	311
22. Guerrilhas latino-americanas: uma visão geral.	329
23. Imperialismo norte-americano e revolução na América Latina.	339
 PARTE V: MILITARES REVOLUCIONÁRIOS NO PERU	
24. Generais no papel de revolucionários.	363
25. O que há de novo no Peru.	369
26. Peru: uma “revolução” peculiar.	382
 PARTE VI: O CAMINHO CHILENO PARA O SOCIALISMO	
27. Chile: ano um.	415
28. O assassinato do Chile.	446
 PARTE VII: REFLEXÕES POSTERIORES	
29. Colômbia homicida.	455
30. Nacionalismo e nacionalidade na América Latina.	473
31. Uma relação de quarenta anos com a América Latina.	491
 <i>Notas.</i>	 509
<i>Datas e fontes da publicação original.</i>	<i>519</i>
<i>Índice remissivo.</i>	<i>525</i>

Sobre esta edição

Antes de sua morte, em 2012, aos 95 anos, Eric Hobsbawm reuniu em *Como mudar o mundo* uma coletânea dos seus escritos, de 1956 a 2009, sobre Marx e marxismo. Ao mesmo tempo, organizou uma antologia de textos e palestras (de 1964 até 2012) sobre cultura e sociedade do século xx, publicada postumamente com o título *Tempos fraturados*. E deixou indicado que gostaria de uma coletânea dos seus artigos e ensaios sobre a América Latina. Os administradores do espólio literário de Hobsbawm, Bruce Hunter e Chris Wrigley, convidaram Leslie Bethell, historiador sobre a América Latina e amigo de Eric por mais de cinquenta anos, para levantar, selecionar e editar os escritos do historiador sobre a região, do artigo na *New Statesman* sobre a Revolução Cubana (outubro de 1960) até seu capítulo sobre o Terceiro Mundo, falando principalmente sobre a América Latina, em sua autobiografia *Tempos interessantes*, e para contribuir com uma introdução sobre o relacionamento de quarenta anos de duração de Eric com a América Latina. Sua viúva, Marlene, apoiou o projeto entusiasmadamente.

Keith McClellan disponibilizou generosamente ao editor sua bibliografia dos textos de Eric Hobsbawm (até fevereiro de 2010). Andrew Gordon, agente literário na David Higham Associates, com seus assistentes Marigold Atkey e David Evans, assumiu a digitalização de muitos desses escritos. Zoe Gullen, na Little, Brown, preparou o livro para a publicação, e Sarah Ereira compilou o índice.

Introdução: Eric e a América Latina

Leslie Bethell

Em sua autobiografia *Tempos interessantes: Uma vida no século XX*, publicada em 2002, quando estava com 85 anos, o historiador Eric Hobsbawm (1917-2012) escreveu que a única região do mundo fora da Europa que ele achava que conhecia bem e onde se sentia totalmente em casa era a América Latina.

Mais de quarenta anos antes, Eric sentira-se atraído pela América Latina devido ao potencial do continente para a revolução social. Após o triunfo de Fidel Castro em Cuba, em janeiro de 1959, e mais ainda depois do insucesso da tentativa dos Estados Unidos de derrubá-lo, em abril de 1961, “não havia intelectual [de esquerda] na Europa ou nos Estados Unidos que não sucumbisse ao feitiço da América Latina, continente onde aparentemente borbulhava a lava das revoluções sociais”.¹ Numa introdução inédita para um volume sobre as revoluções do século xx, Eric escreveu (em janeiro de 1967):

A Segunda Guerra Mundial produziu uma espécie de reação em cadeia de movimentos de libertação revolucionária. [...] O movi-

mento de libertação começou finalmente a avançar no império informal da maior e mais poderosa das potências capitalistas sobreviventes, entre os países independentes nominalmente, mas, na prática, semicoloniais da América Latina. Ali, os movimentos revolucionários não conseguiram se transformar em mais do que guerras civis anárquicas (como na Colômbia após 1948), nem tiveram êxito nas circunstâncias bastante excepcionais da Bolívia (1952). Porém, a vitória de Fidel Castro em Cuba (1959) traria em breve o primeiro regime socialista para o continente americano e nele inauguraria uma era de agitação social *que ainda não terminou* [grifo meu].

Foi acima de tudo a expectativa, ou a esperança, de que haveria uma revolução social, ou pelo menos uma mudança social significativa, em particular no Peru e na Colômbia, brevemente no Chile, depois na América Central e na Venezuela e, por fim, no Brasil, que sustentou o interesse de Eric pela América Latina ao longo das décadas seguintes.

Membro do Partido Comunista (PC) da Grã-Bretanha desde seus dias de estudante na Universidade de Cambridge, no final da década de 1930, Eric visitou Cuba no verão de 1960, a convite de Carlos Rafael Rodríguez, uma das principais figuras do PC de Cuba que aderira ao Movimento 26 de Julho na Sierra Maestra e se tornara um dos aliados mais próximos de Fidel Castro. Eric acabara de passar três meses na Universidade de Stanford e uniu forças em Havana com dois amigos dos Estados Unidos, os economistas marxistas Paul Sweezy e Paul Baran, editores da *Monthly Review*. Foi, recordou mais tarde, o “irresistível período de lua de mel da jovem revolução”.² Em outubro, ao retornar a Londres, além de apresentar um informe ao Comitê de Assuntos Interna-

cionais do PCGB, escreveu um artigo para a *New Statesman* em que descrevia a Revolução Cubana como “um espécime de laboratório de seu tipo (um núcleo de intelectuais, um movimento de massas de camponeses)”, “extremamente cativante e estimulante”, que, “a menos que haja uma intervenção armada dos Estados Unidos”, fará de Cuba, “muito em breve”, “o primeiro país socialista do hemisfério ocidental”.^{3*}

Em abril de 1961, junto com o crítico de teatro Kenneth Tynan, Eric mobilizou a *crème de la crème* para assinar uma carta ao *Times* denunciando a ofensiva norte-americana contra Cuba. Os dois organizaram também uma manifestação em solidariedade ao povo cubano no Hyde Park, memorável, recordou Eric mais tarde, por ser “a maior concentração de garotas estonteantes — do teatro e das agências de modelos, presumivelmente — que eu já vira numa manifestação política”.⁴ Eric também foi membro fundador do Comitê Britânico de Cuba e voltou a visitar a ilha entre dezembro de 1961 e janeiro de 1962, junto com “uma delegação britânica de esquerda com a composição habitual: um parlamentar trabalhista de esquerda; promotores do desarmamento unilateral; um pragmático líder sindical, geralmente afinado com a linha do Partido, não sem interesse em fornicação no exterior; algum conspirador radical; funcionários do PC e outros tipos semelhantes”.⁵

* Foi em Londres, em outubro de 1960, logo após seu regresso de Cuba, que conheci Eric. Nós dois morávamos nas Gordon Mansions, Huntley Street, Bloomsbury, perto da universidade. Eu era estudante de pós-graduação de história no University College e dava aulas na sucursal de Londres da Associação Educacional dos Trabalhadores (WEA, na sigla em inglês). Acabara de voltar de minha primeira visita ao Brasil, onde pesquisara para minha tese de doutorado sobre a abolição do comércio de escravos brasileiro. Vinte anos mais velho do que eu, Eric era professor adjunto de história no Birkbeck College e, o que me impressionou ainda mais, crítico de jazz da *New Statesman* (sob o pseudônimo de Francis Newton).

Curiosamente, afora algumas observações num relato divertido publicado no *Times Literary Supplement* sobre o Congresso Cultural de Havana de janeiro de 1968, uma assembleia heterogênea de quinhentos intelectuais da Nova Esquerda internacional de setenta países, e algumas páginas em *Era dos extremos* (1994), sua história do breve século xx (1914-91), Eric escreveu muito pouco sobre o progresso da Revolução Cubana na década de 1960 e, tampouco, mais tarde. No *TLS*, afirmou que Cuba era “um país conflituoso e heroico, [e] extremamente atraente, porque ao menos é visivelmente um dos raros Estados do mundo cuja população realmente gosta de seu governo e confia nele. Além disso, o estado atual de liberdade e florescimento das atividades culturais, as admiráveis conquistas sociais e educacionais e as incursões cativantes na utopia antimaterialista dificilmente deixam de atrair intelectuais”.⁶ No entanto, apesar de todos os seus feitos, no final da década de 1960 Cuba já não era exatamente uma vitrine da revolução socialista bem-sucedida na América Latina. E, em breve, deixaria de ser verdade que “aqueles que não gostam do lugar são livres para emigrar”. Além disso, como veremos, Eric foi um crítico feroz dos movimentos guerrilheiros inspirados pela Revolução Cubana em toda a região — e em outras partes.

Em 31 de outubro de 1962, Eric iniciou sua primeira viagem à América Latina continental, numa visita de três meses ao Brasil, Argentina, Chile, Peru, Bolívia e Colômbia.* Ele ganhara uma bolsa da Rockefeller Foundation para viajar e pesquisar as formas “arcaicas” de revolta social, tema de seu recente livro *Rebeldes primitivos* (1959), cujo foco estava voltado principalmente para a Europa meridional. Em seu pedido de bolsa, argumentara que, na

* Eric casara-se com Marlene alguns dias antes de viajar para a América do Sul e lhe disse que, se a crise dos mísseis cubanos ficasse realmente séria, ela deveria comprar uma passagem para Buenos Aires e encontrá-lo lá.

América Latina, as ideologias políticas e os partidos políticos “modernos” tinham sido aceitos pelas elites locais havia muito tempo, mas aparentemente não exerciam muita influência sobre as massas, cuja chegada à consciência política só ocorrera nas últimas décadas. Ele esperava, portanto, encontrar na região não apenas “numerosos movimentos verdadeiramente arcaicos”, mas também “combinações do superficialmente moderno com o arcaico”. Esses movimentos eram, em sua opinião, invariavelmente mal interpretados,

como quando o movimento de Gaitán foi rotulado de “liberal” porque seu líder agia dentro de um dos partidos colombianos tradicionais, ou “fascista”, como no caso de Perón [na Argentina], ou muito provavelmente “comunista” no caso dos movimentos castristas. [...] Como mostra a indeterminação ideológica das elites intelectuais em décadas recentes (por exemplo, a mudança de rotulações e a cooperação de elementos nominalmente trotskistas, peronistas, comunistas etc. na Bolívia), a descrição em termos de movimentos europeus formados do século xx pode ser mais enganadora do que esclarecedora.*

* A visita de Eric à América Latina, como sabemos agora, despertou as suspeitas do Serviço de Segurança Britânico, mais conhecido como MI5, que, durante anos, monitorou todos os seus movimentos — bem como sua correspondência e seus telefonemas. Veja o artigo de Frances Stonor Saunders na *London Review of Books* (9 de abril de 2015) sobre a ficha de Eric no MI5, que foi liberada no final de 2014 (até dezembro de 1963, e ainda com inúmeras páginas em branco). Porém, Saunders equivooca-se ao afirmar que o MI5, ao alertar a CIA e o FBI, tentou e não conseguiu bloquear a bolsa Rockefeller de Eric. Tamanha era a incompetência do MI5 que o órgão só ficou sabendo (de “uma fonte extremamente delicada”) que Eric, um “comunista linha-dura”, “deveria sair de licença” por “doze meses” para “escrever um livro sobre as revoluções da América do Sul”, com o auxílio de “uma fundação não identificada”, quando ele já estava na América Latina havia mais de um mês. E eles só levaram o assunto às autoridades norte-americanas

Em seu retorno a Londres, entre abril e julho de 1963, Eric publicou uma série de artigos na *Labour Monthly*, *New Society*, *Listener* (os textos transcritos de duas transmissões de rádio para o *Third Programme*, da BBC) e *World Today* (baseado em um trabalho apresentado no Seminário Latino-Americano na Chatham House), nos quais examinou a evolução demográfica, econômica e social da América Latina desde a Grande Depressão da década de 1930 e, em particular, a desintegração das sociedades agrárias tradicionais (o colapso da “velha América Latina”, “o fim da Idade Média”) e o despertar político das massas — a classe operária urbana, os pobres urbanos e, sobretudo, os camponeses — nos anos 1940 e 1950. Eric retornara de sua primeira visita à América Latina convencido de que, por volta da década seguinte, a região estava destinada a tornar-se “a mais explosiva do mundo”.⁷ Vários países latino-americanos, acreditava ele, estavam “a ponto de se rebelar”, exceto, talvez, a Argentina e o Uruguai, prontos para a revolução social, apenas se devidamente organizada e conduzida.

Ele estava especialmente impressionado com o potencial para a revolução dos movimentos camponeses no Peru e, sobretudo, na Colômbia, que eram “praticamente desconhecidos do mundo exterior”. A partir do final dos anos 1950 e atingindo um pico no início da década de 1960, os altiplanos do centro e do sul do Peru haviam testemunhado a maior insurreição em massa e mobilização política dos camponeses indígenas desde a rebelião de Túpac Amaru, no final do período colonial. “Se há um país pronto para uma revolução social e que precisa dela”, escreveu Eric, “esse país é o Peru.” Na Colômbia, exceção na América Latina, uma revolução social vinha “em preparação” desde os anos 1920. “[Ela] de-

quando ele estava prestes a deixar a América Latina e, de novo, alguns meses depois que já havia voltado para casa.

veria logicamente ter produzido algo análogo ao fidelismo, um regime de esquerda populista trabalhando em estreita colaboração com os comunistas.” A insurreição de Bogotá, em abril de 1948, conhecida como *Bogotazo*, foi um “fenômeno de proporções revolucionárias”. Contudo, sem que houvesse alguém para direcionar e organizar uma “revolução social clássica”, o movimento foi abortado por ocasião do assassinato do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán. No entanto, na guerra civil e anarquia que se seguiram — início do que se tornou conhecido como *La Violencia* —, a Colômbia assistiu à “maior mobilização armada de camponeses (como guerrilheiros, bandoleiros ou grupos de autodefesa [organizados pelo PC]) da história recente do hemisfério ocidental”, com a possível exceção de alguns períodos da Revolução Mexicana de 1910-20. Eric afirmava que uma situação revolucionária persistia na Colômbia no início da década de 1960 e que — devido ao seu tamanho, população, “economia totalmente equilibrada” e localização estratégica entre o Caribe, a América Central, a Venezuela, as repúblicas andinas e o Brasil — a Colômbia “pode ser um fator decisivo para o futuro da América Latina, papel que Cuba provavelmente não desempenhará”.

No Brasil, Eric ficara chocado com o atraso econômico e a pobreza que encontrou no Recife, a primeira cidade que visitou em sua viagem pela América do Sul, mas também reconheceu o “imenso” potencial para a organização dos camponeses no Nordeste brasileiro, “aquela vasta área de cerca de 20 milhões de habitantes que deu ao país os seus mais famosos bandidos e revoltas camponesas”. As Ligas Camponesas, que representavam os primeiros sinais de mobilização política no interior do Brasil, estavam ativas na região desde 1955. O movimento, no entanto, “tinha pouca presença nacional e visivelmente já passara de seu momento

culminante”, recordou ele mais tarde.⁸ O Partido Comunista Brasileiro (PCB) era, no final da Segunda Guerra Mundial, o maior partido comunista da América Latina. Porém, fora declarado ilegal no início da Guerra Fria, em 1947. (Ao que parece, Eric não percebeu que, não obstante a ilegalidade, o PCB estava ativo, juntamente a padres católicos progressistas, na organização dos trabalhadores assalariados agrícolas em sindicatos rurais no Nordeste.) De qualquer modo, em março de 1964, um ano após a visita de Eric, toda a esperança de revolução social no Brasil seria esmagada por um golpe militar que levou à instalação de uma ditadura militar que durou 21 anos (1964-85).

Eric escreveu relativamente pouco sobre o potencial revolucionário no Brasil. Porém, como era de seu feitio, encontrou tempo para redigir um artigo perspicaz sobre a bossa nova, [então] o mais recente movimento da música popular brasileira, para a *New Statesman*. Tratava-se, segundo ele, de “um cruzamento entre a música urbana brasileira e o jazz, criado nos círculos de jovens brasileiros ricos [...] [e] por aqueles músicos profissionais com maior probabilidade de encontrar músicos norte-americanos visitantes. [...] O estudioso de jazz visitante observa essa música com admiração e a sensação de estar diante de um momento histórico, pois a bossa nova é a primeira grande conquista de novos territórios pelo jazz [...] [significativamente] no único país latino-americano que parece ter entrado definitivamente na era da civilização industrial moderna”. Além disso, concluía ele, “ela não só perdurará, como se desenvolverá”.⁹

De meados da década de 1960 à metade da de 1970, as possibilidades de revolução social (na América espanhola, se não no Brasil) foram o foco principal dos escritos de Eric sobre a América Latina. Em um ensaio a respeito do papel dos camponeses e dos

migrantes rurais na política, argumentou que a classe trabalhadora urbana e a população urbana pobre da América Latina, o “gigantesco proletariado e subproletariado em constante expansão” de “imigrantes internos” e “camponeses desalojados”, eram “uma força potencialmente explosiva” em virtude de sua pobreza, insegurança e terríveis condições de vida. Em sua maioria, no entanto, eram politicamente “imaturos”, relativamente passivos, mais facilmente mobilizados de cima por partidos populistas e políticos — Haya de la Torre e a Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra) no Peru, a Ação Democrática na Venezuela, Perón na Argentina, Vargas no Brasil — do que pela esquerda, comunista ou não.¹⁰ Desse modo, Eric escreveu surpreendentemente pouco sobre os trabalhadores urbanos da América Latina. Estava mais interessado no papel revolucionário em potencial dos movimentos camponeses organizados, em especial nos Andes.

Em artigos acadêmicos reunidos em um volume publicado em Paris, *Les Problèmes agraires des Amériques Latines* (1967), no *Journal of Latin American Studies* (1969) e em *Past & Present* (1974), baseados tanto na observação em primeira mão quanto em pesquisas, ele se concentrou na província de La Convención, na região de Cusco, no planalto central do Peru, onde o sistema de hacienda neofeudal estava entrando em colapso (“esperemos que para sempre”) em decorrência das mobilizações, invasões de terras e ocupações camponesas. “O potencial para a revolução do campesinato tradicional é enorme”, concluiu, “mas seu poder e sua influência reais são muito mais limitados.” As revoluções camponesas só se tornam eficazes, advertiu, “quando unificadas e mobilizadas em número suficientemente grande de áreas cruciais no âmbito político por organizações e lideranças modernas, provavelmente revolucionárias, ou quando a estrutura e a crise nacional são de tal ordem que movimentos camponeses regionais em posição estratégica podem desempenhar um papel decisivo

nos assuntos nacionais. Isso aconteceu no México em 1910-20 com os nortistas de Pancho Villa [...] e com os seguidores de Zapata [...] em Morelos. [...] Nada disso aconteceu no Peru”.¹¹

Em um ensaio sobre os movimentos camponeses na Colômbia, escrito em 1969, mas publicado pela primeira vez em 1976, Eric argumentou que a Colômbia tinha “um passado de ação armada e violência por parte dos camponeses (por exemplo, guerra de guerrilha) que talvez perdesse apenas para o México”, mas até meados do século xx relativamente poucos movimentos sociais do campesinato *enquanto classe*. Nesse ensaio, ele traça a história dos movimentos camponeses colombianos, “invulgarmente descentralizados e não estruturados, [mas], não obstante, extremamente poderosos”, da década de 1920 até o *Bogotazo* de 1948, com alguma ênfase na influência do pc. (Em 1935, lembra ele, o partido colombiano queixou-se ao Comintern de que a maioria de seus membros era de índios e camponeses, em vez de trabalhadores urbanos!) Mas, embora a resistência camponesa tenha persistido depois de 1948, Eric era menos otimista em 1969 do que tinha sido em 1963 em relação às perspectivas de uma revolução na Colômbia. “Em vez de revolução social, ou de um regime populista, houve anarquia e guerra civil. As esperanças da esquerda foram enterradas na *Violencia*.”¹²

Eric acreditava que, na década de 1960 e início da de 1970, a escolha para a América Latina não era entre mudança gradual e revolução, mas entre revolução e estagnação ou caos. Embora fosse uma inspiração para todos os revolucionários, era improvável que a Revolução Cubana fosse replicada em outros lugares da América Latina: “suas condições eram peculiares e de difícil repetição”, escreveu.¹³ E numa série de artigos publicados no *Socialist Register* (1970), na *New York Review of Books* (1971) e na *Latin American Review of Books* (1974), Eric criticou fortemente os movimentos guerrilheiros de inspiração cubana da década de 1960 e

início da de 1970 — em países como Guatemala, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, além de Uruguai e Brasil.¹⁴

A estratégia dos jovens intelectuais de classe média ultraesquerdistas que, inspirados pelo exemplo de Fidel Castro e Che Guevara (e pelos escritos do intelectual francês Régis Debray), acreditavam que as revoluções em toda a América Latina poderiam ser precipitadas pela ação de pequenos grupos de militantes armados era, na visão de Eric, “espetacularmente mal concebida”. Os vários focos de guerrilha estavam fadados ao fracasso — como aconteceu com todos (exceto, como veremos, na Colômbia). Não havia uma receita única para a revolução latino-americana, mas, segundo ele, uma coisa era certa: ela não poderia ser feita a bel-prazer. Para ser bem-sucedida, seria necessária uma combinação de vários fatores: guerrilhas rurais, com uma sólida base camponesa (os movimentos de guerrilha da década de 1960 e início da de 1970, escreveu mais tarde, “não entenderam, nem queriam entender, o que poderia fazer com que os camponeses latino-americanos tomassem das armas”¹⁵); insurreição urbana (“Nenhum revolucionário que não desenvolver um programa [...] para capturar as capitais deve ser levado muito a sério”, escreveu ele no ensaio publicado no *Socialist Register*); provavelmente, forças armadas dissidentes; e, absolutamente indispensável, análise política, organização e liderança. Numa resenha de *Modern Revolutions*, de John Dunn, Eric comentou que, embora Dunn não acreditasse que Marx houvesse lançado muita luz sobre as revoluções do século xx e suas consequências, “ele admite que Lênin continua a ser, de longe, o melhor guia sobre como elas aconteceram, e as revoluções comunistas foram, de longe, as mais formidáveis e bem-sucedidas”.¹⁶

Cuba pode ter sido um falso amanhecer, mas não havia necessidade de ser excessivamente negativo a respeito das perspectivas de mudança política e social radical na América Latina. As

revoluções não estavam “do outro lado da esquina”, como Debray e Guevara pensavam, mas tampouco estavam “além do alcance da política realista”, escreveu Eric. A América Latina continuava a ser um território revolucionário. As perspectivas para a esquerda eram encorajadoras desde que, ao menos, ela reconhecesse que havia mais de uma maneira de avançar. A esquerda marxista, inclusive a esquerda comunista (exceto, talvez, na Colômbia), sempre entendera mal a América Latina e, portanto, sempre foi insignificante na política da região. Em vez de permanecer ideologicamente pura — e ineficaz —, foi obrigada a tirar o melhor proveito de situações desfavoráveis e improdutivas e unir forças com outros movimentos políticos progressistas. Como Eric escreveu no artigo para a *New York Review of Books*,

na história da esquerda latino-americana (com raras exceções, como Cuba e Chile [onde Allende fora eleito presidente em setembro de 1970]), ela sempre teve de escolher entre uma pureza sectária ineficaz ou tentar tirar o melhor de várias opções ruins: populistas civis ou militares, burguesias nacionais, ou qualquer outra coisa. Trata-se também de uma história em que, com muita frequência, a esquerda lamentou não ter entrado em acordo com esses tipos de governos e movimentos antes que fossem substituídos por algo pior.

Eric tinha mais expectativas quanto ao governo revolucionário das Forças Armadas sob o comando do general Juan Velasco Alvarado, que assumira o poder no Peru em outubro de 1968, do que em relação a qualquer dos movimentos guerrilheiros da América Latina daquele momento. O Peru era um país “cuja injustiça social e completa miséria fazia o sangue congelar”, escreveu na *New York Review of Books*, numa resenha de vários livros sobre o Peru escritos antes do golpe militar. “Se existe um país que precisava, e precisa, de uma revolução, era esse. Mas isso não parecia